SALÃO DO CONHECIMENTO UNIJUÍ 2025
Água, ciência e sustentabilidade: desafios para o futuro
De 20 a 24 de outubro de 2025
XXXIII Seminário de Iniciação Científica
XXX Jornada de Pesquisa
XXVI Jornada de Extensão
XV Seminário de Inovação e Tecnologia
XI Mostra de Iniciação Científica Júnior
III Seminário Acadêmico da Graduação UNIJUÍ

Evento: XXX Jornada de Pesquisa

MEDICALIZAÇÃO, DIAGNÓSTICO E PRESCRIÇÃO: A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA PRODUÇÃO DE PSEUDODIAGNÓSTICOS PSIQUIÁTRICOS E SEUS IMPACTOS NA PRÁTICA MÉDICA[1]

Josiane Zago Ceretta[2], Bernardo de Campos Santos[3], Estefany Bin Hoffling[4], Bell Cristina Fuchs[5], Lucas Candido Mayer[6], Mégara Noronha Ciotti Correia[7], Nathalia Wielens Becker[8], Carolina Baldissera Gross[9]

[1] Pesquisa bibliográfica desenvolvida na Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul- UNIJUÍ e realizada na disciplina de Formação Geral e Desenvolvimento Pessoal: Psicologia médica.
[2] Estudante do curso de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. josiane.ceretta@sou.unijui.edu.br
[3] Estudante do curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. bernardo.campos@sou.unijui.edu.br
[4] Estudante do curso de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. estefany.hoffling@sou.unijui.edu.br
[5] Estudante do curso de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. bell.fuchs@sou.unijui.edu.br
[6] Estudante do curso de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. lucas.mayer@sou.unijui.edu.br
[7] Estudante do curso de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ megara.correia@sou.unijui.edu.br
[8] Estudante do curso de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. nathalia.becker@sou.unijui.edu.br
[9] Psicóloga, docente no curso de medicina na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. carolina.gross@sou.unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

No contexto de saúde mental na prática médica atual, há uma urgência na elegibilidade de um diagnóstico e de um tratamento. Desse modo, os pacientes recorrem às mídias sociais, assim, se auto diagnosticam e se automedicam de acordo com informações adquiridas em plataformas online que carecem de validação científica e médica. (Junior et al, 2022). Tais atitudes são influenciadas pela busca por um alívio imediato do sofrimento por meio de uma forma rápida para fuga do mal-estar, negando o sentir. No que diz respeito à prática médica, o autodiagnóstico relacionado a questões de saúde mental tem impactos diversos no processo de cuidado, que em certos casos pode comprometer e colocar em risco a relação médico-paciente. (Farnooud, 2020). Portanto, é de suma importância a escuta clínica e o respeito acerca dos saberes do paciente sobre seus sintomas, proporcionando um tratamento humanizado baseado na integralidade e respeitando a singularidade do paciente.

O presente trabalho articula-se com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3 da Organização das Nações Unidas (ONU): Saúde e Bem-Estar, que visa assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar em todas as idades. Em especial, articula-se à meta 3.4, que busca promover a saúde mental e o bem-estar, e à meta 3.5, que enfatiza a necessidade de prevenção do uso abusivo de substâncias, incluindo fármacos.

METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão integrativa da literatura sobre a influência do autodiagnóstico e da automedicação em saúde mental e os impactos dessas práticas no cotidiano médico. A busca foi feita nas bases MEDLINE, SciELO, LILACS e BVS, incluindo estudos publicados entre 2018 e 2025, em português e inglês. Também foram analisadas obras de Birman e Freud para aprofundar criticamente os efeitos da medicalização e da cultura diagnóstica na prática clínica. A análise dos dados foi qualitativa, com base nas temáticas dos estudos selecionados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de 25 artigos e 17 obras teóricas revelou uma tendência crescente ao autodiagnóstico e à automedicação em saúde mental, impulsionada pela ampla disseminação de conteúdos psíquicos nas redes sociais. Identificaram-se diagnósticos atribuídos de forma superficial, sem critérios clínicos adequados, favorecendo a medicalização precoce de vivências subjetivas. Essa dinâmica compromete a escuta clínica e o vínculo terapêutico, afetando negativamente a qualidade do cuidado. As teorias analisadas indicam o esvaziamento do sujeito e a normatização do sofrimento, frutos de uma prática centrada na rotulação diagnóstica e em intervenções imediatas.

Em uma mesma perspectiva em que o mundo moderno de hoje está cada vez mais conectado, o acesso a prescrições na internet para o público leigo está cada vez mais acessível, o que compromete a prática médica (Junior et al, 2022). Ainda, vê-se todo dia propagandas de medicamentos na televisão aberta, fomentando, assim, essa prática maléfica; somado a isso, redes sociais impulsionam esse tipo danoso de comportamento e torna, também, o paciente mais ativo na tomada de decisões, o que colabora para a automedicação (Junior et al, 2022; Monteith et al, 2024).

Desse modo, conteúdos relacionados à saúde mental, bem como relatos de experiências individuais, que normalmente não são criados por profissionais, são divulgados online por meio de redes sociais, como o TikTok, Instagram, Facebook, permitindo que o público tenha fácil acesso a informações relacionados a saúde mental, bem-estar e de autocuidado. No entanto, muitos desses conteúdos carecem de embasamento científico ou veracidade, o que pode favorecer interpretações equivocadas, banalização de diagnósticos, além de contribuir para a disseminação de desinformações (Fogaça, 2023).

Por mais que muitos pacientes reconheçam a importância da avaliação de um profissional para o diagnóstico de transtornos mentais, o autodiagnóstico por meio de redes sociais é uma realidade que apresenta riscos, caso isso seja inadequado ou errôneo ao se confundir algum tipo de sofrimento psíquico de baixo nível com alguma desordem, ou transtorno mental. Essa banalização se configura como uma "epidemia" de autodiagnóstico impreciso e isso pode ter efeitos devastadores a longo prazo, contribuindo com o aumento da incompreensão pública sobre a gravidade dos transtornos mentais e negligenciando indivíduos que realmente sofram com essas condições (Underhill, 2025).

No âmbito da prática médica, o autodiagnóstico pode ter efeitos positivos, como, auxiliar no entendimento das informações fornecidas pelos profissionais de saúde, tornando as consultas mais dinâmicas e produtivas, promover maior engajamento do paciente em relação ao processo de cuidado, além de favorecer a relação médico-paciente, sendo assim, a investigação e conhecimento do paciente acerca de sua condição devem ser valorizados. Por outro viés, os médicos relatam mudanças em suas funções desde que as informações de saúde online foram introduzidas nas consultas, interferindo no que diz respeito à sua autoridade clínica. Nesse novo cenário, o novo papel do médico tende a se reorganizar como sendo um parceiro do paciente, que agora está mais envolvido no processo de tomada de decisão e conduta médica, exigindo um equilíbrio delicado entre escuta técnica e manejo de informações obtidas fora do contexto profissional (Farnood, 2020).

Nas últimas décadas, o sofrimento psíquico passou a ocupar lugar central no discurso público, sobretudo nas redes sociais digitais. Sendo comum a transformação do sofrimento em uma espécie de *"estética da doença"*, na qual os sintomas psíquicos são romantizados, performados ou até mesmo capitalizados em nome de visibilidade, engajamento e pertencimento (Han, 2022).

O sujeito precisa sentir-se ouvido e reconhecido em sua singularidade, especialmente em sociedades marcadas pela aceleração, pela produtividade e pela intolerância à vulnerabilidade. Portanto, é preciso elaboração: dar sentido simbólico ao sofrimento, compreender sua origem, seus desdobramentos e suas formas de enfrentamento possíveis. É necessário entender o sintoma como expressão de um conflito interno, que precisa ser interpretado, e não apenas silenciado por medicamentos ou discursos prontos (Freud, 1917; Birman, 2001).

Quando o sofrimento é apenas medicalizado, corre-se o risco de tratá-lo como disfunção isolada do sujeito, ignorando o contexto social, histórico e afetivo no qual ele emerge. Além disso, há influência direta da indústria da beleza e do bem-estar, que frequentemente coopta o discurso da saúde mental para vendê-lo como estilo de vida, dieta, autocuidado ou produtividade emocional (Ortega & Han, 2020). Assim, o desafio contemporâneo é construir um cuidado que acolha a dor, mas que também promova sua elaboração, respeitando a complexidade e a singularidade de cada sujeito. Isso exige escuta, tempo, vínculo e crítica- elementos escassos nas dinâmicas aceleradas do mundo digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A influência das redes sociais interfere diretamente na prática médica e na relação com o paciente, causando impactos danosos no que estimula o autodiagnóstico e a automedicação por fontes que carecem de veracidade clínica. Por outro viés, esse fenômeno pode ter efeitos positivos engajando o paciente no processo de cuidado. Isso reflete em como nossa sociedade lida com a dor e medicaliza o que é da ordem do viver, simplificando o que deveria ser acolhido com tempo, cuidado e complexidade. Pela influência das redes sociais, indústria farmacêutica e o próprio sistema de saúde, é criada uma lógica que favorece soluções rápidas em detrimento do vínculo e da escuta. Por isso, repensar a clínica é mais do que necessário, é urgente. É reconhecer que, por trás de cada queixa, há um sujeito que deseja ser compreendido em sua integralidade. E que o cuidado, para ser verdadeiramente ético e transformador, precisa ir além do rótulo, precisa reencontrar a palavra, o desejo e a singularidade de cada um.

Palavras-chave: Medicalização. Prescrição médica. Mídias sociais. Auto diagnóstico. Prática médica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. (2001). Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FARNOOD, Annabel, JOHNSTON, Bridget, MAIR, S., Frances. Uma revisão sistemática de métodos mistos sobre os efeitos do autodiagnóstico online do paciente na 'sociedade do smartphone' na relação profissional de saúde-paciente e na autoridade médica. BMC Med Inform Decis Mak. 6 de outubro de 2020. doi: 10.1186/s12911-020-01243-6.

FOGAÇA, Ana Beatriz. Redes sociais promovem banalização do diagnóstico de transtornos mentais. Jornal da USP, Campus Ribeirão Preto, 2 jun. 2023. Disponível em: https://jornal.usp.br/campus-ribeirao preto/redes sociais promovem banalizacao do diagnostico de transtornos mentais/

FREUD, S.(1917). Luto e melancolia. In:Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras.

HAN, B.-C. (2022). Sociedade paliativa: A dor hoje. Petrópolis: Vozes.

JÚNIOR, Vitor Silva Costa; OLIVEIRA, Ana Lívia Rodrigues; AMORIM, Aline Teixeira. Automedicação influenciada pela mídia no Brasil. Research, Society and Development, [S. l.], v. 11, n. 8, e11011830678, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.33448/rsd v11i8.30678.

MONTEITH, Scott; GLENN, Tasha; GEDDES, John R.; WHYBROW, Peter C.; ACHTYES, Eric D.; BAUER, Michael. Implicações do autodiagnóstico online em psiquiatria. Disponível em: <https://www.thieme-connect.com/products/ejournals/abstract/10.1055/a-2268-5441>.

ORTEGA, F., & HAN, A. (2020). O cérebro em transformação: Neuroplasticidade e cultura. Rio de Janeiro: Garamond.

UNDERHILL, Rosie; FOULKES, Lucy. Autodiagnóstico de Transtornos Mentais: Um Estudo Qualitativo de Atitudes no Reddit. Qual Health Res. Junho de 2025. doi:10.1177/10497323241288785. Epub 2024 18 de outubro.